



Periferia

E-ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Janeiro

Brasil

dos Santos Siqueira, Giselle
GETÚLIO CABRAL: UM MILITANTE COMUNISTA
Periferia, vol. 6, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 20-26
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Duque de Caxias, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156371003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

GETÚLIO CABRAL: UM MILITANTE COMUNISTA

Giselle dos Santos Siqueira¹

Fundação Educacional de Duque de Caxias

RESUMO

Getúlio de Oliveira Cabral nasceu em 4 de abril de 1942 em Espera Feliz (MG). Segundo seu irmão Vitor Hugo, seu nome foi uma homenagem que sua mãe prestou ao presidente Getúlio Vargas. As fontes usadas nesta pesquisa foram principalmente documentos encontrados no Aperj e no site do Grupo Tortura Nunca Mais e entrevistas. O principal conceito norteador dessa pesquisa é o de memória, usado na ótica de Pollak, Jacques Le Goff e Paul Ricouer. A pesquisa trabalha em conjunto com a História Política e a História Oral.

Palavras-Chave: Guerrilha urbana; militância; ditadura.

GETÚLIO CABRAL: A COMMUNIST MILITANT

ABSTRACT

Getúlio de Oliveira Cabral was born on April 4, 1942, in Espera Feliz (MG). According to his brother Victor Hugo, his name was a tribute his mother gave to President Getúlio Vargas. The sources used in this research were mainly found in the documents in the sites Aperj and Groups Torture Never Again and interviews. The main concept guiding this research is the concept of memory, used in studies of Pollak, Jacques Le Goff and Paul Ricouer. This research works in conjunction with the Political History and Oral History.

Keywords: Guerrilha urban; activism; dictatorship.

Getúlio de Oliveira Cabral nasceu em 4 de abril de 1942 na cidade de Espera Feliz (MG). Segundo seu irmão Victor Hugo², seu nome foi uma homenagem que sua mãe prestou ao presidente Getúlio Vargas.

¹ Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora do Departamento de História da Fundação Educacional de Duque de Caxias - FEUDUC. Membro da APPH – CLIO. Colaboradora do processo de reestruturação curricular da rede municipal de Duque de Caxias. E-mail: giselle.historia@gmail.com

² Victor Hugo é professor aposentado da rede pública, no Colégio Pedro II. Lecionava Química. Filiou-se à Juventude Comunista Caxiense em 1953, estando com apenas treze anos. Em 1970 e 1971, pesava apenas 57kg e foi torturado por cinco pessoas. Foi enquadrado nos artigos 42 e 45 da Lei da Segurança Nacional e por tentativa de tomada de poder, mas foi absolvido por falta de provas, já que o processo era forjado. Quando saiu da prisão foi trabalhar no Colégio Pedro II.

Getúlio Cabral era filho de Manoel Arcanjo de Oliveira e Lindrosina Cabral de Souza. Seu pai trabalhou como professor leigo, em obras da Construção Civil e produziu uma máquina fotográfica artesanal, atuando como fotógrafo. Sua mãe era camponesa e sem letramento.

Na década de 1950, a família Cabral fixou residência em Duque de Caxias. Nesse período, Getúlio tinha apenas sete anos de idade. Residia na Rua Diamantina, a atual Avenida Leopoldina. Depois se mudaram para a Rua do Retiro (entre Gramacho, Leopoldina IV e Centenário).

Getúlio e seus irmãos estudaram na Escola Municipal Darcy Vargas, localizada no Corte Oito. Victor Hugo lembra do canto diário do Hino Nacional e do Hino da Bandeira, das aulas ministradas por um padre que ensinava bons costumes.

Manoel Arcanjo e Lindrosina Cabral participavam dos movimentos feminista (tendo como companheira Lydia Cunha³) e comunista, atuando em uma das células do partido, além das organizações de bairro. Entre os doze e treze anos, Getúlio iniciou sua militância política na União da Juventude Comunista, influenciado pela participação de sua mãe, em atividades contra a guerra na Coreia⁴. Exercia papel de liderança nas lutas comunistas. Ao atingir a maioridade foi recrutado pelo partido.

Começou a trabalhar com quatorze anos, consertando máquinas fotográficas e posteriormente atuando como fotógrafo. Incorporou-se ao Centro Pró-

³ Lydia nasceu em Ramos, no Rio de Janeiro, em 27 de maio de 1921. Em 1942, Lydia e José Antônio Cunha passaram a viver juntos em Duque de Caxias. Ela chegou ao Distrito de Caxias ainda no período da ditadura varguista (1937-45). Caxias era, naquele momento, distrito do município de Nova Iguaçu, governado por interventores. Apesar da repressão, inúmeras células clandestinas do Partido Comunista foram organizadas no interior de fábricas e bairros. Nos anos 40, participou da fundação da UFDC – União Feminina de Duque de Caxias. Após o golpe de 1964, refugiou-se temporariamente na casa de amigos em Volta Redonda. Até 1965, ainda resistiu e manteve sua militância na Federação de Mulheres do Brasil.

⁴ Na década de 1950, um dos objetivos dos comunistas brasileiros era impedir a participação do Brasil na Guerra da Coreia ao lado dos Estados Unidos. O envio de vinte mil soldados brasileiros para a Coreia era uma das requisições que ficaram estabelecidas no acordo militar Brasil-Estados Unidos, de 1950. Nesse ano, os comunistas brasileiros patrocinaram a Campanha contra o Envio de Soldados Brasileiros para a Coreia. Tal campanha consistia em passeatas, enterros simbólicos, comícios-relâmpago, manifestações populares etc. objetivando pressionar a opinião pública brasileira e, sobretudo, o governo para que o Brasil não enviasse nenhum membro das Forças Armadas para participar do conflito coreano.

Melhoramentos de seu bairro, no município de Caxias, e filiou-se ao Sindicato dos Metalúrgicos, onde participou das lutas de sua categoria profissional. Trabalhou como escriturário na FNM (Fábrica Nacional de Motores). Casou-se aos 23 anos com Maria de Lourdes, com quem teve dois filhos: Alexandre e Adriano Cabral.

Foi dirigente regional do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e, depois de romper com esse partido, ligou-se ao PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário). Era chefe do Grupo de Fogo⁵, na Guanabara, também chamado de Esquadra Militar. Esse foi o último grupo de guerrilha urbana no Rio de Janeiro.

Em 1968, viajou para Cuba para fazer um “curso de treinamento de guerrilhas”. Quando voltou, a perseguição ficou mais intensa. Em 1969, 1970, Getúlio, sua esposa e seus dois filhos moravam no bairro de Parada Angélica. Ele foi seguido até sua casa, que foi saqueada e quebrada. Getúlio conseguiu fugir e foi para outros estados, entre eles a Bahia.

Getúlio possuía como codinomes: Gogó, Gustavo, Artur, Feio, Tasso e Camilo.

Estava condenado a vinte anos de reclusão pela 6ª Circunscrição Judiciária Militar, por participação no assalto à Agência Liberdade do Banco da Bahia, em Salvador, em 1970. Getúlio teve sua prisão preventiva decretada em 17 de dezembro de 1971, mas continuou foragido até o dia de sua morte. No Rio, tinha sido condenado a doze anos de prisão e à suspensão dos seus direitos políticos por dez anos.

Getúlio foi morto sob tortura no dia 29 de dezembro de 1972, aos trinta anos, no Doi/Codi-RJ (Departamento de Operações Internas do Centro de Operações de Defesa Internas)⁶. Foi uma das vítimas do “massacre” que também vitimou Fernando

⁵ “O Grupo de Fogo é o instrumento de ação organizada. Com ele, as operações da guerrilha e as táticas são planejadas, lançadas e executadas com êxito. O comando geral conta com o grupo de fogo para realizar seus objetivos de natureza estratégica e para fazê-lo em qualquer parte do país. Por sua parte, ajuda aos grupos de fogo em suas dificuldades e necessidades. A organização é uma rede indestrutível de grupos de fogo e de coordenações entre eles que funciona simples e praticamente com o comando geral e que também participa nos ataques; e organização que existe com o único propósito, simples e puro, de ação revolucionária”. Para mais informações, ver MARIGHELLA, 1969, cap. 6.

⁶ Órgão conjunto dos diversos serviços de informações, do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícias Militares, Polícia Federal e Polícias Civis, criados em todos os Estados a partir da experiência da OBAN, em São Paulo.

Augusto Valente da Fonseca⁷, José Silton Pinheiro⁸ e José Bartolomeu Rodrigues de Souza⁹.

Os relatórios dos Ministérios da Marinha e da Aeronáutica dizem que "faleceu devido a tiroteio com agentes de órgãos de segurança". Mas o relatório da Anistia Internacional diz que ele foi morto e colocado em um carro incendiado - seu corpo foi parcialmente carbonizado, após ter sido torturado no Doi/Codi-RJ, juntamente com José Silton, José Bartolomeu e Fernando Augusto.

O corpo de Getúlio entrou no IML em 30 de dezembro de 1972, com a guia nº 11 do Dops/RJ. Seu óbito, de nº 132.011, firmado pelo Dr. Roberto Blanco dos Santos¹⁰, teve como declarante José Severino Teixeira. As causas de sua morte que constam na certidão de óbito são: ferimento penetrante da cabeça determinando fratura do crânio

⁷ O carioca Fernando Augusto, apelidado Fernando Sandália, concluiu o 2º grau no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Estudava Economia na UFRJ e trabalhava na Agência Central do Banco do Brasil, de onde foi demitido em 1970. Militou na Corrente Revolucionária antes de integrar o PCBR, sendo membro de seu Comando Político Militar e um dos responsáveis pela publicação oficial do partido, *O Avante*, no Rio de Janeiro. Em função das perseguições e da militância clandestina, estava residindo em Maceió com a mulher, Sandra Maria Araújo da Fonseca, e o filho André, então com três anos de idade. Sandra estava grávida de Fernando, que não chegou a conhecer o pai. No "livro negro" do Exército, consta a informação de que, em dezembro de 1971, tinha sido composta uma direção nacional provisória do PCBR, integrada por ele, por Luís Alberto de Andrade Sá e Benevides e por Getúlio de Oliveira Cabral. Para mais informações, ver Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 2007.

⁸ Viveu até os seis anos de idade no pequeno sítio denominado Pium, em São José do Mipibu (RN). Em 1966, entrou em contato com o pensamento da Igreja progressista e, pretendendo se tornar irmão marista passou a estudar no Convento de Apipucos, em Recife. Mas sua inquietação política foi além da vocação religiosa. De volta a Natal, ingressou na Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tempos depois, passou a militar no PCBR, atuando em Natal, Recife, e, por fim, no Rio de Janeiro. Os órgãos de segurança o acusavam de participação em assalto a um banco na Penha, no Rio, em 27 de julho de 1972, em que teria matado o contador Sílvio Nunes Alves. Para mais informações, ver Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 2007.

⁹ Era estudante secundarista, pernambucano de Canhotinho, e não foi possível coletar outros dados a respeito de sua biografia e atividades políticas anteriores. Os órgãos de segurança o acusavam de participação na tentativa de roubo de um veículo do tenente da Aeronáutica Matheus Levino dos Santos, em Recife, no dia 26 de junho de 1970. O tenente reagiu a tiros e foi baleado, vindo a morrer, em consequência dos ferimentos, em março do ano seguinte. José Bartolomeu, segundo informações dos órgãos de segurança, teria regressado ao Brasil pouco antes de ser morto, vindo de uma viagem ao Chile em que acompanhou o ex-sargento da Aeronáutica Antonio Prestes de Paula em reuniões com banidos brasileiros. Ver mais informações em Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 2007. Ver também o Site do Grupo Tortura Nunca Mais.

¹⁰ O médico legista Roberto Blanco dos Santos está sendo processado pelo Cremerj; em 1994, foi nomeado delegado de Polícia no Rio de Janeiro. Em novembro desse mesmo ano recebia como delegado da 19ª Delegacia de Polícia, na Tijuca (RJ), as queixas de torturas sofridas por vários moradores do morro do Borel durante a chamada Operação Rio. Apesar de denunciado, continua no cargo.

e destruição do tecido nervoso cerebral e carbonização. No verso desse documento, manuscrita, há a seguinte frase: “Inimigo da Pátria (Terrorista)”.

Apesar de estar com seu nome completo, foi enterrado como indigente no Cemitério de Ricardo de Albuquerque em 6 de fevereiro de 1973, na cova 22.702, quadra 21. Em 20 de março de 1978, seus restos mortais foram transferidos para o ossário geral e, em 1980/1981, para uma vala clandestina, junto com mais de 2.000 ossadas de indigentes.

A morte de Getúlio somente foi divulgada em 17 de janeiro de 1973 pelo *Jornal do Brasil*, que deu a notícia de sua morte e das mortes de Fernando, José Silton e José Bartolomeu, assim como as de mais dois outros militantes do PCB ocorridas no mesmo dia: Valdir Sales Saboya¹¹ e Lourdes Maria Wanderley Pontes¹², sem citar as circunstâncias delas.

No Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1991, o Grupo Tortura Nunca Mais obteve apoio para exumar 2.100 ossadas de uma vala no cemitério de Ricardo de Albuquerque. Os corpos de mortos e desaparecidos foram enterrados em uma cova rasa e, cinco anos depois, transferidos para o ossário geral. No início da década de 1980, foram enterrados em uma vala clandestina todos os ossos de pessoas sepultadas como indigentes desde 1971 até 16 de janeiro de 1974.

Reuniu-se, então, uma equipe formada por dois médicos legistas indicados pelo Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (Cremerj), Gilson Souza Lima e Maria Cristina Menezes, por Nancy Vieira, arqueóloga e professora da

¹¹ Nasceu em 1º de março de 1950, filho de Gerson Algery Saboya e Ephigênia Salles Saboya. Morto aos 22 anos, em 29 de dezembro de 1972, na Rua Sargento Valder Xavier Lima, 22 - fundos, junto com Lourdes Maria Wanderley Pontes, segundo versão oficial da repressão, em tiroteio. Para mais informações, ver Dossiê..., 1995.

¹² Era pernambucana de Olinda e estudou o primário e o ginásio em Recife, não chegando a concluir seus estudos por seu envolvimento na militância política a partir de 1968. Em 1969, casou-se com Paulo Pontes da Silva, com quem se mudou para Natal (RN) devido à repressão política. Novamente perseguido, o casal transferiu-se, em fevereiro de 1970, para Salvador (BA); no mesmo ano, Paulo foi preso, sendo posteriormente condenado à prisão perpétua, por coautoria no assassinato de um sargento da Aeronáutica que o conduzia preso algemado ao companheiro de militância Theodomiro Romeiro dos Santos. Após a prisão de Paulo Pontes, Lourdes foi então deslocada para a militância clandestina no Rio de Janeiro. Para mais informações, ver Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 2007.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e pela antropóloga e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Eliane Catarino. Em outubro de 1991, a Equipe Argentina de Antropologia Forense, representada por Luis Fondebrider, Mercedes Doretti e Silvana Turner, realizou um treinamento técnico com a equipe e orientou os trabalhos de catalogação dos ossos. Infelizmente, as ossadas, quando transferidas do ossário geral para a vala, foram misturadas, formando um conjunto de cerca de 430 mil ossos, entre os quais não se distingue um esqueleto completo. Mesmo assim, vários crânios e outros ossos foram retirados e acondicionados em dezessete sacos plásticos para serem examinados.

Em março de 1993, a equipe encerrou o trabalho por causa da falta de financiamento e da impossibilidade de sustentá-lo com apenas três pessoas. As ossadas catalogadas foram guardadas no Hospital Geral de Bonsucesso. O local da vala continuou sendo resguardado até que, no ano passado, estabeleceu-se como “lugar de memória”, com a construção de um memorial. “A construção desse é importante para que possa ser um marco no sentido de resgatar nossa história e para que nunca mais isso volte a acontecer,” afirmou Romildo Maranhão do Valle, irmão de Ramires Maranhão do Valle e associado ao GTNM/RJ.

Os quatorze presos políticos enterrados nessa vala são: Ramires Maranhão do Vale e Vitorino Alves Moitinho, ambos desaparecidos; José Bartolomeu Rodrigues da Costa; José Silton Pinheiro; Ranúzia Alves Rodrigues; Almir Custódio de Lima; **Getúlio de Oliveira Cabral**; José Gomes Teixeira; José Raimundo da Costa; Lourdes Maria Wanderley Pontes; Wilton Ferreira; Mário de Souza Prata e Luís Guilhardini. Outros dois militantes foram sepultados em valas comuns no Rio de Janeiro: no cemitério da Cacuia está Severino Viana Colon; no de Santa Cruz, Roberto Cieto.

Na década de 1960, após o Golpe Militar, o território do município de Duque de Caxias foi ainda mais impactado. Em 1968, a Fabor e a Fábrica Nacional de Motores foram privatizadas.

Nos anos 1980, as terras que abrigaram o Campo de Multiplicação de Sementes foram ocupadas por duas mil pessoas organizadas pela Associação de Moradores Local, dando origem à Ocupação Getúlio Cabral.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. *Direito à memória e à verdade*. Brasília, 2007.
- DOSSIÊ dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.
- MARIGHELLA, Carlos. *Minimanual do guerrilheiro urbano*. Junho de 1969.